

**“MARGINAL RECIFE”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE LEITURAS E
RELEITURAS DE POEMAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO
SESC PIEDADE**

Laércio Queiroz, Maria Carolina Leite Lima

Resumo

Este relato trata de uma experiência vivenciada em turmas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos, do Sesc Piedade. Os objetivos são: apresentar aos alunos o Movimento de poesia marginal; o Movimento dos Escritores Independentes – MEI – e seus poetas mais significativos; além de mostrar diferentes formas do gênero poema. Para tal, apoiamo-nos, principalmente, em estudos de Bakhtin [2010], que nos auxiliou quanto ao dialogismo nos enunciados, Marcuschi [2008] para nos guiar nos caminhos dos gêneros discursivos e suas particularidades. A experiência pretendeu, a partir de leituras e recital de poemas, incentivar os discentes ao uso da oralidade de maneira mais expressiva e extrovertida, bem como estimular leituras e releituras de poemas.

Palavras-chave: MEI. Gêneros discursivos. Poemas. Poesia.

Introdução

Críticos, professores, leitores, teóricos já se debruçaram sobre a arte poética na tentativa de conceituar poesia e poema. Sobre o último, mesmo uma análise superficial, praticamente, não encontrará dificuldade conceitual, pois, de modo simplista, pode-se afirmar se tratar de um gênero literário em verso. Porém, em relação à poesia, mesmo poetas, apresentam os mais distintos enfoques: Para Zizo, por exemplo, “a poesia doma a alma”; Lara costuma vociferar que “a poesia é uma doida fumando um beque, sentada num caminhão de pólvora. Miró da Muribeca afirma: “a poesia é salvação!”; Eugênio Nogueira versifica que poesia é emotividade diáfana; Otávio Paz escreve: “A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono, operação capaz de transformar o mundo.” (PAZ, 1982).

Seja qual for a compreensão de apreciadores ou artistas da palavra, certo é que há definições várias. E pode-se garantir que a apreciação do poético implica sensibilidade

de identificar quando estão diante de um texto em versos. Se um gênero apresenta rima, dirão se tratar de um poema. Parece-nos ser esta a característica mais conhecida do público comum, a condição fundamental para o gênero em questão.

Não raro, há pessoas que não consideram poema um texto cuja rima não aparece. Contudo, a modernidade, nos idos de vinte e dois do século XX, considerando a Semana de Arte Moderna,¹ há muito aboliu as amarras da estética, do vocabulário e da hierarquização, orientando-nos a perceber o aspecto literário, figurativo, a maneira “nova”, distinta de dizer, como a condição primeira do poema.

Se o Movimento de 1922 deu os primeiros passos para um fazer poético que reconhecesse a linguagem coloquial, a intitulada poesia marginal se apropriou do pensamento de vanguarda e, definitivamente, afastou o poema da normatização estabelecida pela academia. A poesia marginal, insurgida nos anos 1970 do século XX, igualmente ao proposto pela Semana de Arte Moderna, contrapunha-se à normatização. Naquele momento, os poetas foram chamados de marginais por estarem à margem do sistema de editoração vigente, que priorizava um fazer poético imposto pela crítica acadêmica.² Pretendiam poesia marginal uma alternativa poética distante da erudição, do rebuscamento e da sofisticação desnecessária para a comunicação artística.

MEI: Do Beco da Fome à sala

Com base nessa premissa, valemo-nos da exposição que, durante o mês de agosto, a mídia destinou ao poeta Miró da Muribeca, em razão do seu “encantamento”, para revisitar a poesia durante as aulas. Nosso interesse, além de tornar mais conhecida a obra e a vida do cronista urbano, era também dar voz a poetas esquecidos pelo cânone acadêmico, aqueles que têm a obra como a própria vida e militam em trincheiras invisíveis disseminando seus versos como folha ao vento, contra o sistema excludente que lhes nega espaço, projeção.

Para essa empreitada, inicialmente, tratamos da gênese da poesia marginal no Brasil, a intitulada Geração mimeógrafo, e apresentamos aos estudantes a proposta dos poetas deste

¹ A Semana de Arte Moderna foi uma manifestação artístico-cultural que ocorreu em São Paulo, durante o mês de fevereiro de 1922, e propunha refletir sobre a estética da arte, buscando inovação.

² Sobre isso, ler: HOLLANDA, Heloisa Buarque de, PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. Poesia jovem Anos 70. Rio de Janeiro: Abril, 1982.

movimento, para em seguida, estudarmos mais atentamente o Movimento dos Escritores Independente de Pernambuco - **MEI** - cuja agitação aconteceu, mais efetivamente, na cidade do Recife, durante os anos oitenta do século XX, e era pautada pela liberdade estética e formal do que se convencionou chamar de poesia “marginal”, cuja palavra era a “seta certa” contra a opressão. Os integrantes entendiam que qualquer lugar era suficiente para publicar e recitar poemas. Segundo Mattoso (1981), poetas dessa envergadura “[...] assumem postura contestatória, [...] são desconhecidos do grande público, produzem e veiculam suas obras por conta própria, [...] sempre fora do mercado editorial.”

Os integrantes do **MEI** eram, em sua maioria, jovens pobres ou classe média que questionavam os modelos estéticos e formais impostos pela academia. Além disso, a maioria entendia que a arte poética deveria ir “aonde o povo estava”. Por esse caminho, qualquer lugar era suficiente para publicar e recitar poemas. Também discordavam dos mecanismos de produção editorial e de divulgação da obra literária convencionais. Por isso, passaram a produzir, a disseminar e a vender sua própria obra em fanzines, sendo o “Balaio de Gato” um dos mais significativos do momento, que publicou, sob a responsabilidade do poeta Jorge Lopes, mais de cem poetas recifenses vivos.

Para disseminação dos poemas, os poetas do **MEI** frequentavam vários espaços da cidade do Recife, mas era costume encontrá-los no Beco da Fome, atrás do edifício Pirapama, na Livro 7 [livraria que, naqueles tempos, era a maior do Brasil], no bar Calabouço, na rua 7 de Setembro, e em outros ambientes onde houvesse público, para recitarem com objetivo de divulgar seus trabalhos e questionar o sistema político vigente. Organizavam recitais nas ruas e bares da cidade. No Movimento, havia anarquistas, marxistas, trotskistas, cristãos e até poetas descomprometidos com ideologias políticas, um balaio de gato. Nas temáticas, predominavam assuntos sociais, o descontentamento com o sistema político.

Gêneros discursivos

Sabe-se que mesmo com a orientação de se trabalhar gêneros discursivos em sala de aula, o poema ainda é preterido, pois a escola tem privilegiado gêneros em prosa. Deixando o poema para situações de culminâncias pouco exploratórias, esquecendo-se do

quanto ele é capaz de instigar a reflexão. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998), também “[...] é importante formar leitores literários, fazendo o estudante se apropriar dos diversos gêneros discursivos cotidianos.”

Conforme nos faz recordar Marcuschi (2008), não é recente o estudo dos gêneros discursivos, mas está na moda, nunca se falou tanto sobre eles. Remonta a investigação à Antiguidade greco-latina, no princípio, ainda elementar. Platão começa a se debruçar nesta matéria, contudo, os primórdios da sistematização deste campo, deve-se mesmo a Aristóteles que, em sua Poética[1998], apresentará uma percepção mais aproximada do que reconhecemos hoje associada aos estudos dos gêneros discursivo.

Bakhtin [2010] sinaliza que, no cotidiano social, nos diversos espaços, o ser humano desenvolve as mais distintas atividades, na escola, no sindicato, na repartição, no bairro, na família entre outros. Durante diversas práticas habituais, ao fazer uso da linguagem, utiliza-se dos gêneros discursivos. Estes existem porque a língua é um instrumento de interação que contribui com as práticas sociais de produção e recepção. Para se comunicar, o indivíduo se vale dos diversos gêneros, é impossível se comunicar sem um deles.

Ao considerar a aquisição e aprendizagem destes gêneros, Bakhtin (2010) escreve:

[...] as formas da língua e as formas típicas de enunciados, isto é, os gêneros do discurso, introduzem-se em nossa experiência e em nossa consciência conjuntamente. [...] Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, menos ainda, é óbvio, por palavras). Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações.

Assim, gêneros são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões e características definidas. Se não existissem, não os dominássemos, se tivéssemos sempre de criá-los pela primeira vez, durante o processo discursivo, a comunicação seria quase impossível.

No Brasil, o estudo dos gêneros tem espaço certo nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) publicado no ano de 1998 e, desde lá, a investigação sobre a temática tem crescido significativamente. Os PCN apontam para a importância de as atividades escolares serem capazes de dialogar com a realidade do estudante. Nesse caminho, cabe ao professor criar condições que oportunizem aos discentes o conhecimento de aspectos socioculturais factuais, tornando a aprendizagem significativa.

O trabalho com textos oferta várias táticas, porque a infinidade de gêneros nos possibilita dialogar com todos os domínios de interação social. Podem-se eleger a entrevista, o poema, o seminário, o discurso, a homilia, o poema e outros.

Pensando assim, durante o primeiro semestre de 2023, no período de meados de fevereiro a abril, decidimos usar o poema como instrumento para consecução de uma prática onde coexistiram disciplinas do eixo Linguagens códigos e suas Tecnologias, quais sejam, Língua Portuguesa e Artes.

Da construção do saber

O primeiro passo foi perguntar aos discentes o que sabiam sobre poema e poesia. Depois das elucidações, para apresentar o MEI, servimo-nos de alguns vídeos à disposição no “*youtube*”: “Mei ao Meio”, “Miró: preto, pobre e periférico” e “PSI” e “Cidadão Luna”. Durante cada encontro, houve projeção de um vídeo, que foi comentado e observado por aspectos vários: a produção estética, a linguagem escolhida, a imagem etc. Contudo, evidenciou-se, sobretudo, a forma pouco convencional dos textos que nos vídeos apareceram.

Em outros momentos, realizamos leituras compartilhadas de poemas de Erickson Luna, Chico Espinhara, Valmir Jordão, Miró da Muribeca, Zizo, Jorge Lopes, Cida Pedrosa e Lara, além das respectivas biografias.

Em razão do estranhamento dos estudantes por não estarem familiarizados com a estética do gênero apresentado, revisitamos o conceito de poema e poesia, sob o olhar do cânone, e relacionamos à estética dos poetas urbanos. Não sem deixar de registrar o equívoco de se pretender compartimentar a poesia e o poeta, pois poesia deveria ser apenas assim chamada, a forma e a temática não deveriam se sobrepor a manifestação artística, pois como nos ensina Aristóteles (1998), “(...) a poesia assume forma diversa de acordo com o temperamento do poeta. ” E por acreditamos que toda poesia é transgressora, nenhum poeta é marginal ou todos o são.

No movimento do projeto, explicamos o conceito de dialogismo à luz de Bakhtin (2010), que pode ser entendido como o diálogo entre textos, e entregamos aos estudantes alguns poemas de autores do cânone, como por exemplo: “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Bandeira; “Vou-me embora de Pasárgada”, de Murilo Mendes; “Poema de

sete faces”, de Drummond; “Com licença poética”, de Adélia Prado, e realizamos, ainda uma vez, leitura compartilhada comentada. Depois da leitura, salientamos que os poemas lidos não eram do segmento da poesia alternativa, ou seja, faziam parte do cânone literário. A intenção de apresentá-lo foi verificar a relação dialógica³ entre eles.

Após apresentarmos, quase exaustivamente, vários textos de poetas que participaram do MEI ou de outros, que embora não tenha participado, herdaram a estética e a postura política do Movimento e continuam fora do cânone, como o projeto ainda se encontrava em andamento, frequentemente, durante os encontros, os estudantes realizaram leitura de poemas por eles escolhidos, ou seja, dos mais de trinta poemas entregues, cada estudante elegeu dois para apreender, memorizá-los.

Antes, porém, apresentamos vídeos onde poetas e poetisas recitavam versos autorais ou não. A partir da observação da *performance* destes artistas, pretendemos ajudar na internalização dos poemas e aprendizagem da *performance* do recitar.

Escolhidos os poemas a serem recitados, iniciamos o período de ensaio. Como havia tempo escasso, esta atividade aconteceu virtual ou presencial, dependendo sempre da disponibilidade dos discentes envolvidos.

O Sarau poético, idealizado pela bibliotecária do Sesc Piedade, ocorreu, na biblioteca, durante uma tarde de sábado. Além dos poemas a serem declamados, houve a presença de alunos do curso de Música da Unidade que se apresentaram executando peças do cancionário popular brasileiro.

O roteiro das apresentações intercalou músicas e poemas. Dividimos as intervenções em blocos: Após três apresentações de canções, assistíamos à recitação de três poemas. E, por assim ser, concluímos outra etapa do projeto.

Na semana seguinte após o evento, retomamos o conceito de dialogismo, ainda uma vez, realizamos leitura de poemas que se encontram na tessitura dialógica, quais sejam, a canção “Diariamente”, interpretada pela cantora Marisa Monte, e o poema “Releitura”, cuja autoria é de Camila Sá. Como os estudantes já estavam familiarizados com o conceito, não foi necessário imprimir grandes esforços durante este momento, os discentes conseguiram perceber as associações entre os enunciados.

A leitura é sempre o encontro entre textos que se constroem a partir da recepção e

³Ler sobre isso: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Os gêneros do discurso. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

reprodução deles. No momento em que o leitor encontra o enunciado, tece outros fios capazes de ressignificar o discurso anterior. Pensando nisto, e objetivando instigar a criatividade e produção textual, propomos a recriação de poemas, a partir da produção dos autores lidos durante o projeto. Convém inferir que a releitura de um texto precede a interpretação. Ademais, qualquer texto se associa direta ou indiretamente a outro, e a construção por nós proposta vai nesta direção. Por esse prisma, a intertextualidade pretendeu corroborar com a cimentação do entendimento. Como amostras das releituras confeccionadas por estudantes, seguem exemplos. Inicialmente, há o poema matriz, depois as reconstruções dos alunos.

Antes da produção, realizaram-se leituras compartilhadas de três poemas, entre eles “Ecce Homo”, de autoria de Erickson Luna, que se encantou no ano da graça de 2007, contudo ainda continua bastante vivo na memória afetiva de amigos e apreciadores da sua obra, ele é talvez o mais festejado dos poetas independentes. Habitante das ruas do Recife, o poeta dizia viver em uma casa sem muros. Sua poesia de forte conteúdo filosófico e pessimista apresenta bastante esmero quanto à linguagem.

Eis o poema:

ECCE HOMO

Saiam da minha
frente Matem-se,
Morrão-se
Deixem livre O meu campo de visão
Me entristece conceber
A semelhança que nos une na semente
Quem é que pode ser feliz se vendo gente?
Portanto, saiam da minha frente

Releitura I

Abram caminho,
Vivam,
Se reconstruam,
Deixem bom nosso campo de visão,
Qual de vocês pode fazer
A felicidade olhar pra gente?
Então, abram caminho!

[Rita de Cássia – Ensino Médio]

Releitura II

Saiam da minha frente,
Sumam-se,
Não atrapalhem o meu campo de visão.
Me deixa triste perceber
A semelhança que temos na semente,
Só encontro pessoas descontentes,
Uma sociedade descrente,
De pessoas indiferentes.
Por tanto, saiam da minha frente.
Como posso ser feliz me vendo gente,
Se temos vivências tão diferentes,
Pessoas que se vendem facilmente,
Com tudo isso, saiam da minha frente.

[Maria Albertina dos Santos – Ensino Médio]

Na primeira releitura, vê-se, desde o verso inicial, passagem distinta do que é apresentado por Erickson. Enquanto este se desassossega pela semelhança entre ele e a raça humana e a exorciza, por compreender a desumanidade das pessoas, a estudante vislumbra outro caminho: Sua releitura, longe de ir ao encontro dos versos do poeta, sugere adversa ideia. No discurso, observa-se uma conclamação coletiva a fim de se construir, quem sabe, uma saída. Uma leitura possível, poderá entender um arremate ao exposto no enunciado de Luna.

Segundo Bakhtin [2010], a língua é usada de acordo com o propósito do enunciativo, e o enunciado apresenta nossas vivências de mundo. Nas interações sociais, são usadas outras vozes, a enunciação, do ponto de vista do seu conteúdo. Considerando este excerto, a aluna, embora compreendesse o trabalho com a releitura, preferiu, ao invés de corroborar com o autor, a partir de sua leitura social e de mundo, transgredir o universo do poeta e como se esperanças houvesse ainda na humanidade, tenta desconstruir o pessimismo dele, quando, imperativa, ao desejar ser “atacada” pela felicidade, escreve “Abram caminho! ” Por esse prisma, o dialogismo se revela na estrutura e no diálogo das vozes que se frequentam ainda que se refutem.

Nos versos de Albertina, percebe-se completa convergência com “Ecce Homo”. Sem disfarce, ela segue a trilha apontada no poema pessimista. Além de traduzir a indignação do poeta, amplia o que por este foi determinado e esmiúça aquilo que ficou dito, talvez, nas entrelinhas. Enquanto Luna afirma infeliz por ser gente e admite de igual matéria prima daqueles que despreza, a aluna opta por revelar os motivos que, provavelmente, são tão caros ao poeta. E traduz, de maneira explícita, práticas que, de certo, indignam Erickson e,

igualmente, ela mesma. Os discursos se encontram inteiramente, e Albertina, embora se afigure intolerante por questionar as diferenças entre ela e as pessoas, deixa-nos evidente que a sua não aceitação reside no seu discurso avaliativo das características que desabonam, quais sejam, a indiferença, a descrença e a corrupção.



Fotografia: Cristiane Menezes

A seguir, apresentamos depoimentos de quatro alunas participantes do Sarau. Neles se observa, na essência, expressões do campo semântico positivo quando à participação no Sarau. Ei-los:

Depoimento 1

A minha experiência com o sarau foi desafiadora, porém gratificante. Também me senti insegura, durante os ensaios, que para mim foram poucos, porque já peguei o bonde andando [risos] Quanto aos poemas, escolhi o que mais falou comigo, na verdade, também precisei vencer a timidez, uma experiência única. É sempre bom aprender algo novo e me trouxe mais confiança em mim mesma, como falar em público, decorar e conhecer poemas, abriu um leque em minha visão, amei fazer parte desse sarau espero participar de outros.

Depoimento 2

Participar do Sarau foi uma experiência maravilhosa, enriquecedora pra o meu aprendizado, até então, não conhecia grandes poetas, conheci em sala de aula, poesia, Miró da Muribeca. Ao participar do Sarau, tive a felicidade de declamar o poema “Lua Adversa”, de Cecília Meirelles. A emoção dos ensaios eram grandes, sentia que escolhi um poema que tinha haver algo com minha pessoa, apesar do nervosismo ser grande, mas a emoção foi maior, Agradeço a Deus [...] por mim proporcionar tamanha felicidade.

Depoimento 3

Minhas experiências sobre o sarau foram uma das melhores. Quando o professor veio com a notícia que a biblioteca estava fazendo uma parceria com a educação para podermos ir lá e recitar uns poemas, já fiquei super contente, porque comecei a gostar de poesia e também estava encantada por um poeta que morreu a pouco tempo, Miró da Muribeca. Comecei a ler poemas dele e também de outros poetas como Cida Pedrosa, Erickson Luna e outros. O sarau abriu minha mente para escrever e ler mais sobre poesia, vir que a poesia abre uma porta para a imaginação que é incomum. No sarau, tivemos a parte de escolher os poemas, tivemos ensaio, às vezes, duas vezes na semana, uma vez... Até chegar o dia da apresentação, apresentar poemas para várias pessoas para mim foi gratificante, pois tirou aquele medo que eu tinha do palco. Hoje me sinto mais segura em falar em público e também em declamar poemas. [...] Para mim foi um grande prazer fazer parte do sarau com o professor Laércio e a professora Carolina.

Depoimento 4

Quando o professor falou que teria um sarau, eu pensei, junto com algumas colegas, em nos oferecermos a participar. Gostei muito, foi muito bom, eu recitei poemas de Cida Pedrosa, achei muito interessante fazer parte de algo tão rico. Hoje eu aprendi a gostar de poemas, nós escolhemos os poemas que nos identificamos e que nos faziam sentir bem em ler e recitar.



Fotografia: Cristiane Menezes

A comparação dos depoimentos nos permite identificar algumas semelhanças quanto às experiências das alunas, tais como, praticamente todas se familiarizaram com o gênero poema durante o projeto do Sarau, o interesse em ler poemas se efetivou, a partir daquele momento, além de reconhecerem a importância do conviver com a arte poética. Apresenta-se ainda, nas narrativas, a convergência de que foi enriquecedora a experiência:

“[...] A experiência com sarau foi desafiadora, porém gratificante [...]”[

Depoimento]; “[...] Participar do Sarau foi uma experiência maravilhosa, enriquecedora pra o meu aprendizado [...]” [Depoimento 2] ; “[...] achei muito interessante fazer parte de algo tão rico [...] [Depoimento 4]; [...] O sarau abriu minha mente para escrever e ler mais sobre poesia, vi que a poesia abre uma porta para a imaginação que é incomum [...] [Depoimento 3]

Os trechos destacados enfatizam um modo de convencer o leitor dos fatos narrados, dar credibilidade às informações tecidas, e, sobretudo, sinalizam o entendimento das alunas de que reconhecem a importância da poesia na vida: “A poesia salva.” Todos produzem um movimento de satisfação e convergência, as vozes se impregnam uma das outras, sobretudo, no tocante à assimilação do poema como meio capaz de transformação.

Embora não seja dito, afigura-nos que os discursos das colaboradoras são, mesmo sem que o saibam, perpassados por discursos de autoridade de outros: quiçá alguém, professor ou apreciador do gênero poema que, em algum momento, sinalizou a importância desse texto para a formação do ser.

Para Bakhtin (2010), “[...] toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva, toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma, [...] o ouvinte se torna falante.” E sendo assim, desde logo, as vozes reveladas nos depoimentos, impregnadas de discursos alheios, ao internalizarem o que propagado foi por falantes anteriores, passam a ser agora enunciados igualmente dos discentes, e, neste instante, os enunciados são confeccionados a partir de discursos que ouviram.

Merece ainda destaque os fragmentos seguintes:

“[...] Quanto aos poemas, escolhi o que mais falou comigo, na verdade, também precisei vencer a timidez, uma experiência única [...] [Depoimento 1]; [...] A emoção dos ensaios eram grandes, sentia que escolhi um poema que tinha haver algo com minha pessoa, apesar do nervosismo ser grande, mas a emoção foi maior, Agradeço a Deus [...] por mim proporcionar tamanha felicidade [...] [Depoimento 2]; [...] Para mim foi um grande prazer fazer parte do sarau [...] [Depoimento 3] ; [...] nós escolhemos os poemas que nos identificamos e que nos faziam sentir bem em ler e recitar [...] [Depoimento 4]



Fotografia: Cristiane Menezes

Desde logo, vê-se, ainda uma vez, a coincidência dos depoimentos. A satisfação por elas mesmas elegerem os poemas a serem declamados se destaca. Afigura-nos que, mesmo se revele certa insegurança advinda da *performance* em público, centra-se o relato, outra vez, na plenitude do prazer em protagonizar momento tão significativo. Ademais, de certo, ao escolherem os autores e textos, nasce, nas alunas, a sensação de pertencimento.

Nos discursos das depoentes, embora se observe uma individualidade na maneira de sentir - pois cada uma é única e possui vivências e histórias de vida diferentes nas relações dialógicas – veem-se muitas semelhanças, principalmente, no que se menciona à descoberta da poesia.

Considerações finais

Durante o percurso, os entraves a serem removidos para a realização do projeto foram dois: o fato de, na sede do Sesc Piedade, ter iniciado a reforma, nem sempre havia lugar disponível para nos reunirmos, a fim de continuarmos os ensaios para o sarau, visto que as salas da EJA foram as primeiras a serem demolidas. Assim, algumas vezes, realizaram-se os ensaios por vídeos, perdendo-se a observação da *performance* ato importante para o recital. Outro elemento que nos demandou cuidado foi a inexperiência das alunas, pois nenhuma delas jamais havia presenciado um recital, e a maioria não havia se debruçado sobre um poema a fim de estudá-lo, entendê-lo e se apropriar da informação

do gênero. De maneira que houve necessidade de exaustivas leituras dos textos para ajudá-las a internalizar os poemas por elas escolhidos.

Sem dúvida, é papel da escola discutir a diversidade em diversos campos, ou seja, da vida à arte. No caso em questão, a diversidade literária. Sabe-se que o poeta alternativo ainda sofre preconceito para se afirmar no universo da literatura, pois a ideia que se construiu da poesia está associada a uma estética clássica, fixa. Ao apresentar poetas engajados e comprometidos com uma nova proposta poética, cremos ter possibilitado aos estudantes um novo olhar capaz de romper as amarras da estética e da forma tradicionais, permitindo ao aluno reflexão sobre as várias naturezas da poesia e, consequentemente, do poema.

Nos discursos das alunas, segundo depoimentos apresentados, foi possível observar sentido construídos a partir das suas experiências, visão de mundo, porém se sabe que, nos enunciados revelados, há também outras vozes resultado das relações sociais entre os seres. De qualquer modo, o mais significativo lido nos relatos das estudantes se trata da compreensão coletiva da importância do gênero poema na manutenção da satisfação das pessoas.

A partir dos depoimentos das alunas, vê-se a descoberta delas sobre a importância do poema, tal posição denuncia a necessidade do uso deste gênero, com mais frequência, dentro ou fora da sala de aula. Durante o contato das estudantes com poema, elas perceberam a amplitude desta arte. Além disso, ao confeccionar as releituras, percebemos que os discentes aprenderam a empregar recursos artísticos e entenderam o dialogismo que é próprio da linguagem.

Referências

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução e comentários de Eudoro de Souza. Brasília: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1998.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Os gêneros do discurso. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Documento Introdutório**.

Versão Preliminar. Brasília: MEC/SEF, nov, 1998.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de, PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Poesia jovem**

Anos 70. Rio de Janeiro: Abril, 1982.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTOSO, Glauco. **O que é poesia marginal**. São Paulo: Editora Brasiliense: 1981.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.